

ORGANIZADORES:
Tiago Silva
Luzileide Silva



COLETIVO
(RE)EXISTIR
Poemas Reunidos

COLETIVO
(RE)EXISTIR
Poemas Reunidos

Aracaju
2021



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe

Presidente da República

Jair Messias Bolsonaro

Ministro da Educação

Milton Ribeiro

Secretário da Educação Profissional e Tecnológica

Ariosto Antunes Culau

Reitora do IFS

Ruth Sales Gama de Andrade

Pró-Reitora de Pesquisa e Extensão

Chirlaine Cristine Gonçalves

Poemas Reunidos

Orgs:

Tiago Silva
Luzileide Silva



INSTITUTO
FEDERAL
Sergipe
Aracaju
2021

Copyright© 2021 - IFS

Todos os direitos reservados para a Editora IFS. Nenhuma parte desse livro pode ser reproduzida ou transformada em nenhuma forma e por nenhum meio mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema de armazenamento de informação, sem autorização expressa dos autores ou do IFS.

Editora-chefe (Coordenadora de Publicações)

Vanina Cardoso Viana Andrade

Planejamento e Coordenação Gráfica

Luzileide Silva

Projeto Gráfico da Capa

Luzileide Silva

Diagramação

Luzileide Silva

Revisão

Jocelaine Oliveira dos Santos

Ilustração

Edson Santos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C964 Coletivo [Re]existir [recurso eletrônico]: poemas reunidos / Tiago Silva, Luzineide Silva (Orgs.). – Aracaju : Editora IFS, 2021.
94 p. : il.

E-book

ISBN: 978-65-87114-59-0

1. Poema brasileiro. 2. Literatura brasileira. 3. Coletânea. I. Silva, Tiago. II. Silva, Luzineide.

CDU 82-1(81)

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Kelly Cristina Barbosa CRB 5/1637

[2021]

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Sergipe (IFS) Avenida Jorge Amado, 1551. Loteamento Garcia, Bairro Jardins. Aracaju/SE.

CEP: 49025-330

TEL.: +55 (79) 3711-3222 / e-mail: edifs@ifs.edu.br

Impresso no Brasil

Conselho Científico

Chirlaine Cristine Gonçalves
Pró-reitora de Pesquisa e Extensão

Adeline Araújo Carneiro Farias
Área: Ciências Humanas

Jaime José da Silveira Barros Neto
Diretor de Pesquisa e Pós-graduação

Alexandre Santos de Oliveira
Área: Ciências Sociais Aplicadas

José Wellington Carvalho Vilar
Área: Ciências Exatas e da Terra

João Batista Barbosa
Área: Ciências Agrárias

Diego Lopes Coriolano
Área: Engenharias (titular)

Manoela Falcon Gallotti
Área: Linguística, Letras e Artes

Herbet Alves de Oliveira
Área: Engenharias (suplente)

Sheyla Alves Rodrigues
Área: Ciências Biológicas

Membros Externos

Flor Ernestina Martinez Espinosa -
FIOCRUZ

Eliane Maurício Furtado Martins - IF
Sudeste MG

Odélsia Leonor Sanchez de Alsina - UFCG

Zélia Soares Macedo - UFS

Mirian Sumica Carneiro Reis - UNILAB

Mario Ernesto Girolodo Valério - UFS

Claudio Cledson Novães - UEFS

Ana Aparecida Vieira de Moura - IFRR

Caique Jordan Nunes Ribeiro - UFS

Josilene de Souza - IFRN

Lucas Molina - UFS

Charles Dos Santos Estevam - UFS

Murilo Lopes Martins - IF Sudeste MG

Editoração

Kelly Cristina Barbosa - Bibliotecária

Produção Visual

Jéssika Lima Santos - Diagramador

Júlio César Nunes Ramiro - Técnico em Artes Gráficas

Sumário

APRESENTAÇÃO	12
DANIEL SANTOS <i>Singelo</i>	17
Infância	18
Nossas mãos	19
Fantasia	20
Estrada	21
Pandemia	22
 DOGLAS FONTES <i>Além do Arco-íris</i>	 23
Liberdade	24
Sem temer	26
Desilusão	27
Medo de quem ama igual	28
 GILVANY COSTA <i>Itan Mi</i>	 29
La Petite Mort	30
Os pelos de uma mulher	31
Cada detalhe do meu corpo	32
Ori Inu	33
 LARISSA CARVALHO <i>Não mais silenciadas: nossas vozes reverberam</i>	 34
Silêncio	35
Sopro	36
Espelho	37
Céu	38
Eu	39

LILIA SANTOS <i>Pequenas Revoluções</i>	40
Enfeites de porcelana	41
Troco elogios por respeito	42
Consequência	43
Meu cabelo não é ruim!	44
A liberdade de ser	45
 MARCOS VINICIUS <i>Sentimento Brasil</i>	46
Vou procurar	47
Geração	48
Minha carta de amor	49
Capitalismo	50
Fundo do Poço	51
 MATHEUS ANDRADE <i>“Até quando vamos perguntar até quando?”</i>	52
Justiça	53
Luto	55
Somos o alvo	56
Chega	57
Devir Negro	58
 ROQUISSANE OLIVEIRA <i>Respingos da Consciência</i>	59
Mundo reverso: centro e periferia	60
Diferença	61
Melancolia noturna	62
O garoto do casaco preto: uma paixão platônica	63
A vista	64

RUAN PEREIRA *Poesia sem Fim* **65**

Fadiga habitual 66

Seja você 68

Liberdade 69

Opinião..... 70

Sonhar 72

TALYSON RAONY *O tema aqui é racismo, mas não vou ficar só nisso* **73**

Respeito..... 74

Cordel da Militância..... 75

Quero pedir um favor 77

O tema aqui é racismo, mas não vou ficar só nisso 78

Não importa a cor 80

THAYNÁ MELO *Confusão* **82**

Aceitar-se 83

Dia 84

Estado de Exceção 85

Não é não 86

Um amor..... 87

YURI DAMASCENO *A verdade e os seus reflexos* **88**

A pergunta esquecida 89

O fruto uma vez visto 90

Eu escondi aquele nome e apareci por aqui..... 91

A imagem espelhada 92

A discórdia estética do amo..... 93

PREFÁCIO

Impactado é a palavra que me define neste momento em que concluo a leitura do livro Coletivo (Re)Existir, Poemas Reunidos. Um misto de sentimentos inundou meus sentidos durante a leitura, e me dei conta de que a obra e seus autores, consciente e/ou inconscientemente, cumpriram em mim a tarefa a que se propuseram, qual seja, pensar pelas vias do sentir.

Temos vivido no passado recente e no presente um processo de esvaziamento da nossa condição de seres que sentem e que pensam. Este duplo esvaziamento do pensar e do sentir, fruto dos projetos coloniais, gerou uma série de equívocos e assimetrias sobre nossa condição humana, ocasionando diferentes processos de negação do outro, gerando desigualdade e, por isto, subordinação.

Não obstante, o exercício de uma escrita oriunda das vivências que, parafraseando o poeta, constituem “a dor e a delícia de ser o que é”, conduzem o leitor a um percurso que, tal como a vida vivida, é rizomático, é poroso e por isso preenhe de encontros e desencontros, de dores, amores e dissabores, compondo um mosaico ao mesmo tempo real e imaginário de relatos, experiências, saberes e práticas que, simultaneamente, instigam e conscientizam.

Chamou minha atenção a potência dos textos e a forma como esses rapazes e moças buscam (re) existir utilizando o recurso da palavra. Este processo, longe de constituir um mero ato burocrático e cartorial, parece-nos fruto de uma urgência em reivindicar uma visão de mundo própria e decorrente das vivências e das percepções sobre si e sobre o entorno.

Tal visão de mundo expressa em palavras, evoca melodias, ostinatos, contrapontos e cânones que, em muitos momentos, é portadora de uma energia tal qual alegria e entristece. Contudo, não é binária, muito menos inclinada às polaridades. Por ser multifacetada, arrebatava-nos para o lugar da ação, do enfrentamento e da tomada de posição, enquanto uma atitude necessária face às tentativas de silenciamento e negação do direito ao choro, ao grito, ao brado e ao riso.

Entre versos, rimas e estrofes, encontramos posicionamentos que transformam silêncio em estampido, ausência em presença, lamento em gozo. Estas atitudes críticas e combativas que estão presentes neste conjunto de poemas subvertem e reposicionam a realidade, pois, dá voz e vez aos jovens autores que ousam falar a partir de uma mirada do mundo própria, localizada e afetivamente situada num tempo e num espaço de individuação e de partilha.

Os autores compartilham conosco suas experiências como homens e mulheres, seus olhares como atores sociais marcados pela diferença, pelos conflitos com a normatividade vigente e os caminhos para escapar aos ditames de uma sexualidade imposta. Igualmente, o corpo negro é problematizado e poetizado para requisitar uma presença em meio à negação e às ausências. O grito das mulheres também ecoa a partir dos seus corpos, reivindicando o direito à existência. O momento presente com suas antinomias e incongruências

se apresentam como tema importante na reflexão sobre as relações entre indivíduos e coletividade. Os autores nos conduzem ainda a uma navegação turbulenta pelas reflexões e sentimentos acerca dos poderes constituídos e suas limitações no sentido de concretizar um projeto fraterno de sociedade.

As cadências não cessam, a consonância não se constitui a marca identitária que rege o ritmo e dá o tom das diferentes cores e sonoridades que esta obra oferece aos leitores. É a dissonância, a oposição e a sensação de estar pisando num terreno sempre maleável, efêmero e fugaz que dão o tom e o colorido tão necessário para o reencantamento de si e do mundo, que caracterizam os afetos compartilhados por esses jovens poetas.

Talvez a afetividade seja a pedra de toque para o rompimento com os silêncios. Utilizando-se de um dos lugares descredibilizados pela racionalidade tecno-burocrática, a saber, o ato poético. É sabido que as formas de conhecer chanceladas pelo Ocidente cunharam uma pseudosseparação entre arte e vida, impulsionando o desenvolvimento de um determinado padrão de saber que a tudo separa e que a tudo fragmenta sob o pretexto de melhor conhecer, provocando nos humanos cisões irremediáveis sobre os diferentes modos e formas de pensar e sentir.

Tais cisões tentaram banir a todo custo os objetos inexplicáveis do prazer, da apreciação desinteressada, do ócio, da ludicidade, da brincadeira, da fantasia e da imaginação criadora, reduzindo-os à condição de apêndice e de acessório. Face à impossibilidade de aniquilá-los do fazer humano ante sua capacidade de estar em renovação constante, numa atitude propositiva de criação e reinvenção, ato este que garante a sua vitalidade e atestam sua condição de prática humana.

Contudo, os textos contidos no livro Coletivo (Re)Existir, Poemas Reunidos, compõem este mosaico de renovação ao tempo que funcionam como bálsamo a indicar possibilidades de cura para as feridas há muito abertas. O resgate do quem somos, sentimos e pensamos, parece ser a nota tônica de um processo de reconciliação que se dá no dia a dia da cultura, na inter-relação entre os atores da cultura, nos processos de identificação, produção e reprodução das diferentes poesis. Do repertório sonoro, aos movimentos da vida, na dança dos signos de uma expressividade tão particular, no encantamento pela leitura, nas texturas dos objetos cotidianos, indicando-nos que existem feixes de luz a cintilar a partir desses lugares impensáveis, interditados e silenciados.

Neste sentido, as emoções expressas por esses rapazes e moças alimentam o sonho de que “outro mundo” é possível. Como educador negro, de periferia, das artes, dos sentidos e da imaginação, me uno a diferentes vozes que ecoam nesta obra, pois, as paisagens sonoras aqui apresentadas constituem forma e formato privilegiados que apresentam, no meu entendimento e nos meus sentimentos, ampla possibilidade de reencantar os micro mundos, da casa, da rua, da escola, da comunidade, enquanto espaços de luta mas por onde circulam afetos.

Alexandre de Oliveira

APRESENTAÇÃO

O **Coletivo (Re)Existir** foi e é um encontro. Ainda em 2018, quando o grupo se reuniu pela primeira vez, sabíamos que ele perduraria e que geraria muitos frutos. Depois de sua primeira apresentação poética no dia da Consciência Negra, organizada com textos, sobretudo, de poesia slam, essa poesia de rua, urbana, de revolta, que tem preenchido as ruas das cidades, dos centros e das periferias, e também áreas rurais do Brasil, canalizando vozes que se levantam contra o preconceito, as injustiças do cotidiano, a dor de ser num país como o nosso, o Coletivo desenvolveu atividades pensadas para potencializar o talento daqueles que, sabíamos, eram grandes, fortes e habilidosos jovens poetas.

Ao longo dos últimos dois anos, o Coletivo pensou a relação de cada membro do grupo com seu lugar singular no mundo, sua 'Estância', a cidade onde todos os adolescentes que participam do projeto crescem e vivem. Tentamos promover o entendimento da condição de cada um dentro desse universo, dentro desse fragmento de um Brasil plural e diverso, e ainda um entendimento de como os distintos lugares que ocupam atravessavam as experiências individuais e coloca-os em uma história compartilhada, herdada, que ainda está aqui entre nós.

Nas palavras da escritora Chickasaw Linda Hogan, ameríndia, estadunidense, remanescente de povos originários da América do Norte, nós "vivemos não só dentro de um corpo, mas dentro de uma história também" (2001, p. 204, tradução nossa), e essa história precisa ser aprendida e incorporada ao nosso corpo e recontada para que não seja esquecida. No processo de reflexão sobre a história que herdamos e habitamos, o lugar que descobrimos não é sempre bonito: é complexo, marcado por evidências de outras épocas; ele é áspero, rígido, turvo e nem sempre se consegue acessá-lo com facilidade. Mesmo assim, através do Coletivo (Re)Existir, nós praticamos o exercício de reconhecimento da história que vivemos e na qual estamos imersos, encontrando amores, dores, ancestralidade, beleza, violência, alegrias, mas, principalmente, força, coragem, empenho e muita dedicação para transformá-la - a história, suas personagens e seu cenário.

Empurrados por essa narrativa em que vivemos, vimos alunos 'evadindo', abandonando a nossa escola, vimos alunos abrindo mão de sonhos em razão de circunstâncias adversas que herdaram. Mas, vimos também essas pessoas retornarem para o projeto, insistindo no sonho de, através da palavra, recontar a experiência e refazer a vida. Vimos, ainda, alunos que, com mais de trinta horas-aula por semana, persistem na poesia e encontram espaço para a literatura, para um verso-livre, uma rima, para a fantasia - encontram formas para entrelaçar vidas com arte, construindo, a partir da poesia, uma história diferente para si, transcrita num livro semente que reúne sonhos e planta futuros.

Generosos que são, os poetas que compõem esse livro compartilham conosco as dores e as belezas, as preocupações e as angústias de serem adolescentes em Estância, de viverem dentro da história que vivem e no lugar em que vivem. Pactuados com Conceição Evaristo, Ana Maria Gonçalves, Ryane Leão, Mariana Félix, Tawane Theodoro, Miró da Muribeca, Jéssica Campos, e outros escritores e escritoras negros e negras, comprometidos com questões sociais, **Daniel Santos, Gilvanv Costa, Larissa Carvalho, Lília Santos, Marcos Vinicius, Matheus Andrade, Douglas Fontes, Roquissane Oliveira, Ruan Pereira, Talyson Raony, Thainá**

I We live not only inside a body but within a story as well.

Melo e Yuri Damasceno insistem na beleza da vida e na potência de contar, através de poemas, histórias que devem ser escutadas e compartilhadas com outras pessoas para que não esqueçamos nunca, e possamos entender melhor a realidade ingrata em que existimos.

Essa coletânea é composta por doze capítulos independentes, pensados como se fossem livros. Cada poeta preparou seus textos como se estivesse organizando seu primeiro trabalho literário. Em **Singelo**, o poeta **Daniel Santos** retorna a infância simples, distante e idealizada, propondo reflexões importantes sobre o que verdadeiramente importa na vida: o contato com a natureza, os pés no chão e o esforço para se manter são no mundo, diante de tantas amarguras e desventuras, e da passagem inexorável do tempo. Daniel, em seus poemas, lembra-nos daquilo que, em prosa, Guimarães Rosa (2019, p. 50), em *Grande Sertão: Veredas*, descreveu como fé: “Tendo Deus [acreditando], é menos grave se descuidar um pouquinho, pois, no fim dá certo. Mas, se não tem Deus, então, a gente não tem licença de coisa nenhuma!”. Sua poesia é de fé e descuido, uma poesia que acha beleza em pequenas coisas, na simplicidade, no prosaico.

Douglas Fontes, em **Além do Arco-íris**, problematiza as agruras de viver e reconhecer-se fora da heteronormatividade compulsória em um mundo marcado pela homofobia e pelo desrespeito à diferença. Em seus poemas, fala da dor e da violência de gênero, da necessidade constante de enfrentar/utilizar o armário, inclusive como estratégia de sobrevivência em uma realidade hostil, e desenha uma trajetória em direção a uma humanidade mais justa e inclusiva, revelando sua crença em um mundo melhor, em um mundo organizado a partir de lógicas diferentes, menos opressivas, mais plurais.

Gilvani Costa, em **Itan Mi**, minha história em iorubá, começa “intensa como a natureza”, propondo uma existência em gozo, uma diluição de si nas nuvens e dentro da história. A poeta fala de cuidado consigo, de seu cabelo e de seu corpo como vestígios históricos que recontam a experiência diaspórica dos povos negros no Brasil, e finaliza seu trabalho como o poema *Ori lnu*, literalmente sua cabeça interior, importante conceito da metafísica iorubá, para recentrar sua experiência a partir da natureza, da escuridão da noite, que age como mecanismo de estabilização de seu corpo e de sua mente no mundo.

Em **Não mais silenciadas: nossas vozes reverberam**, **Larissa Carvalho** fala da invisibilidade da dor do povo negro e da desconsideração histórica de suas demandas, transformada em política pública no país – a ausência de política pública é uma política pública. Larissa fala, principalmente, acerca de sobreviver, como negra, em um país racista, que mata um jovem negro a cada 23 minutos e encarcera maciçamente essa parcela da população. Dessa forma, de seus poemas emergem o medo, a invisibilidade, o abandono e o luto que se somam às questões individuais e de sua formação identitária. Assim, atravessada pela brutalidade do lugar que habita no mundo, desse Brasil real, Larissa fala também do reconhecimento de si, de suas próprias questões, de suas tensões e inflexões.

Insistir no amor, perseverar na luta, e remanescer na crença de que as coisas podem ser diferentes são as recomendações de **Lília Santos**, para quem, em **Pequenas Revoluções**, luto é verbo, flexionado na primeira pessoa do singular. Em seus textos, a poeta transita pelas reivindicações feministas, exigindo respeito ao corpo feminino e ao direito de pautar-se que deve ser de toda mulher; Lília mostra que, mais que elogios, mulheres como ela querem que suas vozes sejam escutadas e que suas experiências sejam consideradas: “Ruim é ser julgada e assediada por conta da minha blusa pequena, / do meu batom vermelho / e da minha

saia colada! / Cansei de ser assediada!”. Além disso, a poeta transita também por temas da luta antirracista, exigindo respeito à sua diferença, transformando seu cabelo em símbolo identitário fundamental de sua luta e de sua arte: “Ruim é escutar que meu cabelo é moda / Ele é resistência e liberdade, / o meu cabelo é foda!”.

Marcos Vinícius Melo Alves de Jesus, em seu **Sentimento Brasil**, repercute o sonho de um amor idealizado, singelo e leve, que ressignifique o cotidiano, a experiência diária, marca inapagável de seus textos. O poeta reflete ainda sobre o momento que atravessamos e vê a pandemia do Covid-19 como uma oportunidade de pacificação do país e de reaproximação com coisas que realmente importam, que, nós acreditamos ser, a partir de seus textos, as relações humanas, o afeto, e sentidos para a existência mais agregadores, que nos ajudem a superar as dificuldades da vida, o sofrimento emocional provocado por uma lógica capitalista que desmistifica a experiência e nos afasta um dos outros com promessas vazias de felicidade, desaguando, muitas vezes, em estados emocionais intranquilos, difíceis de lidar como a depressão.

Em **“Até quando vamos perguntar até quando?”**, o poeta **Matheus Andrade** propõe escapar das pressões sociais, reafirmando a importância de escolher o próprio caminho, diante da família e diante da sociedade que tenta, insistentemente, reduzir as possibilidades de jovens negros, seja através da violência do Estado, seja através de violência simbólica. Escorregadio, o lugar que Matheus constrói poeticamente é atravessado por brutalidades, das quais foge, escapole guiado pela palavra, pela segurança que expressa no poder de seu próprio caminhar, e pelo reconhecimento do devir negro, do tornar-se negro, como uma importante estratégia de sobrevivência e de ressignificação da história herdada que ainda habitamos.

Em **Respingos da Consciência**, a poeta **Roquissane Oliveira** apresenta preocupações com injustiças sociais que perpassam a nossa realidade, reconstruindo o mundo a partir de uma grande cisão: o centro e a periferia dividem o espaço urbano e determinam experiências específicas para seus habitantes, evidenciando que a desigualdade é, também, localizável no tempo-espaço. Roquissane fala ainda da diferença como condição do que é humano, como traço característico da experiência no mundo. Talvez, por tocar em temas tão duros, a poeta enfrente uma inquietude, uma busca por um porto onde atracar suas ansiedades. Ela encontra esse pouso, não no amor, que para ela segue sendo platônico, imaginado, mas na contemplação da natureza, na paisagem tropical, nas raízes de um mangue – lugar de encontros –, no balanço das canoas na foz tranquila de um rio.

Ruan Pereira, em **Poesia sem Fim**, parte do peso do cotidiano, retomando as dificuldades e o tédio de existir, que transformam, vez por outra, a vida em algo cansativo que se quer evitar. Apesar de tudo, o poeta insiste que esse azedume dos dias é também caminho de melhoramento individual. Nesse sentido, Ruan propõe uma identificação total do Eu e de seu corpo, numa espécie de fusão dessas duas esferas do ser humano, separadas pela racionalidade cartesiana. Mesmo partindo de uma realidade difícil, a poesia de Ruan segue rumo à liberdade, ao reconhecimento de si, à convivência pacífica entre diferentes, e deságua no sonho, na possibilidade onírica de reconstruir a vida a partir da força de sua vontade, e da aventura.

Insubmissão, enfrentamento e consciência racial e de classe e gênero são palavras que caracterizam o trabalho poético de **Talyson Raony**, que, em seu **O tema aqui é racismo, mas não vou ficar só nisso**, politiza acontecimentos cotidianos e rebela-se contra a aleatoriedade ou insignificância que lhes são atribuídos, mostrando, com clareza, que esses eventos são episódios do racismo e do sexismo estruturais de nossa

sociedade. Assim, Talyson Raony detalha ocorrências de intolerância religiosa, de LGBTQIA+ fobia, de violência de gênero, de diversos tipos de preconceito, construindo o lugar como um canto disruptivo do mundo, que o empurra para a luta por melhores condições de vida, equidade e por igualdade de tratamento das multitudes que ocupam o território do Brasil.

Dono de uma linguagem hermética, surrealista, de certo modo, o poeta **Yuri Damasceno**, em **A verdade e os seus reflexos**, posiciona o seu eu lírico entre a realidade e o sonho ou o pesadelo, numa esquina entre o passado, o presente e o futuro, suspendendo seu leitor, temporariamente, em um turbilhão de emoções e de imagens, no meio de uma guerra interior, travada entre o Eu e as memórias que ele arrasta consigo. A poesia de Yuri, por sua riqueza imagética e semântica, é vertiginosa, paradoxal, luta contra a diluição de si mesmo, segurando seus próprios pedaços, protegendo experiências e emoções positivas de uma contaminação, de uma ameaça absoluta e onipresente, zelosa, sempre à espreita.

Thainá Melo, em **Confusão**, materializa as dificuldades de tornar-se mulher-negra em um espaço regido por uma lógica colonizadora que rechaça as diferenças, reduzindo, através de padrões estéticos eurocêntricos, as possibilidades de aceitação e de reconhecimento de si. A essa questão tão marcante e forte, frequente entre pessoas que vivem em lugares onde não se veem representadas, somam-se outros problemas, transformando o cotidiano em um verdadeiro pandemônio: o tempo acelerado da experiência contemporânea; o estado de exceção em que vivem os corpos negros e periféricos no Brasil, e as turbulências políticas, que aumentam a instabilidade e ampliam, dessa maneira, a sensação de vertigem e confusão retratada no título da sessão de poemas.

Além dos poetas mencionados, destacamos ainda o trabalho do jovem ilustrador, **Edson Santos**, que, como seus colegas poetas, transforma em arte aquilo que vê. Aqui, fotos de seus companheiros foram transformadas em retratos, desenhados à mão, feitos com grafite e usados para ilustrar esta coletânea.

Dessa maneira, flertando com diferentes estilos, com diferentes artes, que vão da poesia slam, já mencionada, ao cordel, passando pelo simbolismo, pelo realismo, etc., pela poesia, desenho e audiovisual, já que produziram também um vídeo-poema (Ruim, 2021), construído a partir do texto de Lília Santos -, o **Coletivo (Re)Existir** constrói um mosaico artístico e poético, profundamente diverso e sensível, duro e forte, atualizando o lugar e as suas narrativas e, conseqüentemente, revelando a história em que nós habitamos. Os poemas e narrativas curtas dessa coletânea são, assim, às vezes, um beijo, outras vezes, um soco no estômago, chamando nossa atenção para os perigos do tempo, herdados e transferidos de uma geração para a outra, e para as aflições de existir na região nordeste de um país tropical e periférico, ao sul da linha do Equador.

Tiago Silva
Luzileide Silva

Referências:

HOGAN, Linda. *The Woman Who Watches Over the World: a native memoir*. New York: W. W. Norton and Company, 2001.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

DANIEL SANTOS

Singelo



INFÂNCIA

Vejo vários arranha-céus,
mas amo minha casa de barro.
Meu tênis é a sola do pé, do pé que pisa
em espinhos, na lama, e faz um gol de carrinho.
Felicidade de brincar na chuva, jogar-se na lama.
De tomar café feito no fogão de lenha.
Que saudade da minha infância!
Não havia raiva, nem maldade, nem ignorância.
As lágrimas caem, mas não é de tristeza.
Tínhamos pouco, mas em compensação
possuíamos um milhão de sorrisos,
espalhados por todas as partes.

NOSSAS MÃOS

Investem tantos milhões em indústrias e empresas!?

No final, quem paga o preço é o meio ambiente.

Plásticos nos oceanos, golfinhos morrendo engasgados.

Pescadores jogam a tarrafa e pescam lixo acumulado.

Tire pelo menos um minuto do seu dia e mergulhe na reflexão!

Quando é que os seres humanos vão ter noção

de que o futuro do planeta está em nossas mãos?

FANTASIA

Essa tristeza que não tem fim,
escondo por traz de um sorriso.
Saio distribuindo rosas para toda
a gentileza que eu encontro por aí.
Sem ter medo dos espinhos,
me feri, eu me cortei, adoeci.
Quem já sofreu tanto esse efeito,
não pode viver de ciúme nem de despeito.
Mesmo com o meu sorriso extinto,
saio para a rua pra ver as pessoas,
acredito na alegria, no amor, na fantasia,
ignorando, às vezes, aquilo que sinto.

ESTRADA

Às vezes me encontro
em um beco sem saída,
sem saber o rumo que
vou tomar nessa vida.

Posso ir para a terra
da garoa ou até lá pra Milão.
Vou seguindo meu caminho
com os pés fincados no chão.

Seja lá pra onde eu for,
sei que por onde passar,
vou deixar uma flor e
um poema que fale de amar.

PANDEMIA

Quando olho da janela,
fico comigo a pensar:
o tempo tirou o pé do acelerador,
pra gente tentar se organizar.
Mas tudo não passa de um
pensamento vazio junto com
uma ilusão de ótica.
O tempo corre numa
velocidade absurda lá fora.

DOGLAS FONTES

Além do Arco-íris



LIBERDADE

Sou gay e sou homem
e não dispenso a dignidade
Estou cansado de andar na rua
e só ouvir barbaridade
bixa, bixinha, viadinho,
falta de porrada e tal
Estou farto de tentar entrar nos padrões
por sentir medo de ser julgado
Qual é o problema dessa sociedade?
Se há um gay à vista
o que se escuta logo
é que a mãe não foi dedicada
e de ser quem eu sou
ela é a grande culpada
Quando eu vou ter a minha liberdade?
Andar de mãos dadas na rua
usar a roupa que eu quiser
saías, tamancos, bordados
amar quem bem eu quiser
tudo sem ser apontado
Lutamos por amor e por igualdade
em um mundo que não nos dá
respeito e nem oportunidades
o escracho é minha grande arma
sair pela rua, andar sem temer
dizer eu te amo pra Kevin,
pra meu ex, pra José, pra Joylson
e também pra você

Acabou minha esperança de sair
sem ser apontado por homofóbico
monstro que massacra sem dó
a vida de uma indefesa criança
Tento aliviar meus medos
neste momento de transição
No entanto, só eu sei quem sou
e o que maltrata meu coração
Nesse mundo, dizer quem você é
Pode até ser um tiro no pé
Ou um passaporte para exclusão
Se eu fujo dos padrões
construo o meu próprio mundo
abro portas e janelas
é para que não me chamem
não repitam o que tenho escutado
sujo, imundo, seboso, esculhambado
Eu não sou o primeiro
a viver no cativeiro
por carregar um medo profundo
Mas agora eu grito, esperneio
para me fazer escutado
Se for preciso, eu esculhambo
Sai daqui, homofóbico,
tinhoso, filho do cão,
pessoa sem coração,
desumano, transtornado.

SEM TEMER

Será que eu escolhi ser quem eu sou no país onde mais se mata LGBT?

Será que você escolheu ser hétero onde os héteros são privilegiados?

Será que você consegue ser

Gay

Negro e

Pobre?

Chegar no ponto de ter medo de se assumir

sem saber como sua família irá reagir,

sem saber se sua hora vai chegar,

sem saber se um dia isso tudo vai passar,

se você vai parar de temer,

caminhar livre pela rua

sem um alvo - mate-me - ser.

DESILUSÃO

Sabe, é difícil
difícil amar alguém
e no fim não rolar nada.
Eu dizia que te gostava,
mas a realidade é que eu te amava.
Confesso que lembrei da nossa primeira mensagem, do teu corpo.
Confesso que você fez meus dias valerem a pena.
Confesso que está sendo difícil te ver partir.
Meu mundo caiu e agora estou tentando ficar de pé.
De qualquer forma, sou como sou,
não precisa me tratar com melosidade,
e sim ser sincero, como sou, ter caráter, como eu tenho,
acreditar que viver, apesar de embrutecer,
pode também te entontecer e te fazer dançar,
que sentimento assim
na vida, vai ser difícil de reencontrar.

MEDO DE QUEM AMA IGUAL

“Anda que nem homem, porra!”

“Prefiro um filho morto do que um filho, viado!”

Antes de escutar esses insultos na rua,
ele já havia sido violentado.

Da mãe, levou uma surra,
só por ser afeminado.

Esse tipo de tragédia é tão frequente
que não surpreende mais a gente

Mas eu estou passando pra lembrar:

um dia as bixas e as manas vão ganhar,
vão mudar a cabeça da população,
acabar com essa história sem noção,
de que tudo tem que ser morrer ou matar,
e que viver não é possível sem maltratar.

GILVANY COSTA

Itan Mi



LA PETITE MORT

Tão intensa quanto a natureza
transbordando na suavidade dessas nuvens
carregada de mistério
envolvendo meu corpo
quente como fogo
envolvendo sensações dolorosas que vão
queimando por dentro como se fossem
a morte do meu eu interior.

OS PELOS DE UMA MULHER

Os pelos de uma mulher
são correntes fortes que trazem cicatrizes
enormes desde o seu primeiro corte
Por conta de um olhar crítico
são maltratados, cuidados de qualquer jeito
como se fossem um objeto que
simplesmente é rejeitado
São como algodão leve e macio que precisa
ser cuidado com toda delicadeza

CADA DETALHE DO MEU CORPO

Cada detalhe do meu corpo
diz quem eu sou
essa pele escura
histórias do meu povo preto
O cabelo crespo
é minha identidade
Um novelo do tempo
ambientado à força
nesse novo habitat

ORI INU

É incrível como o poder
dessas noites escuras
acalma a alma
O silêncio entrelaça o pensamento
modifica o corpo que flutua
conforme a leveza das nuvens

LARISSA CARVALHO

*Não mais silenciadas:
nossas vozes reverberam.*



SILÊNCIO

O silêncio da noite fez o choro ecoar
O choro de dor, de saudade
O choro que faz, de angústia, o peito gritar.
Quantas lágrimas mais nós vamos ter que derramar?
Quantas lágrimas de sangue vão inundar as casas nas favelas
para que a nossa voz seja ouvida e ELES parem de nos matar?
Quando a nossa pele vai deixar de ser um alvo,
simplesmente por não ser alva?
O silêncio se faz presente mais uma vez.
O choro ecoa mais uma noite.
O pranto que se ouve é o da mãe de Ághata¹, da mãe de João Pedro²,
que tiveram as vidas dos filhos ceifadas por quem deveria protegê-las,
por esse sistema que rouba nossas vidas e sonhos.
Mas que ELES tenham na mente que,
enquanto não houver justiça e igualdade para nosso povo,
ELES vão enfrentar a luta, o nosso grito de revolta.
Transformar essa realidade fudida
em algo mais humano e acolhedor
será o nosso consolo, o nosso jeito de escapar da dor.

¹ Ághata Vitória Sales Félix, de oito anos, foi morta em operação da Polícia Militar, no Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro, em 20 de setembro de 2019, quando voltava para casa com a mãe.

² João Pedro Mattos Pinto, de 14 anos, foi morto durante operação policial no Rio de Janeiro no dia 18 de maio de 2020, com um tiro de fuzil calibre 5,56. A casa onde estava com amigos foi alvejada por 70 tiros.

SOPRO

No dia em que um sopro te levou,
tive mais certeza que por maior e mais
intenso que seja o meu amor,
ele nunca valerá por dois.
Senti o meu peito pegar fogo,
ele ardia incessantemente.
Bruscamente você se retirou
e levou todas as cores consigo.

ESPELHO

Vocês são a calmaria e o furacão
mas no fio de linha azul não
conseguiram se equilibrar
Caíram e se estilhaçaram
como um espelho que
encontra o chão
A colisão entre o
silêncio e o barulho
tão perturbadora quanto
a destruição que fizeram
em dois mundos

CÉU

Luzes vermelhas e azuis
refletem na poça de sangue no chão
Por que você está correndo?
Eu me pergunto o porquê de eu ter que correr?
Por que eu estou sendo levado por essas luzes vermelhas e azuis?
Acordei e vi o céu pela última vez,
brinquei com meus carrinhos e beijei a minha mãe
eu simplesmente vivi um dia na minha vida,
sem imaginar que eu seria o próximo
o próximo a ser arrancado de forma violenta
dos braços de minha mãe
deixando feridas que nem todo tempo do mundo será capaz de curar
minha camisa branca agora tem um vermelho sangue
refletindo o azul das luzes
luzes vermelhas e azuis assassinas, violentas,
parte de um sistema genocida de nossa população
eu não pude sonhar, eu não pude viver,
fui morto pelas luzes vermelhas e azuis.

EU

Qual a dimensão do vazio que
 existe dentro de mim
Ele ecoa a uma distância
tão absurda do que era e
 do que se transformou
É quase assustador olhar para dentro
 e não enxergar nada
todos os meus excessos
 escondem uma falta
Eu só ainda não sei qual é

LILIA SANTOS

Pequenas Revoluções



ENFEITES DE PORCELANA

Como enfeites de porcelana são nossos corações
Quando se quebram e são consertados,
nunca mais serão os mesmos
Não terão a mesma beleza nem delicadeza.
Sempre ficam buraquinhos que não serão preenchidos.
Mas isso não significa que temos que jogá-los fora
Ou parar de tentar remendá-los.
Talvez o lixo pareça ser uma solução,
mas com o tempo, descobrimos que não.
Às vezes, parece impossível que o coração volte a sentir
aquele sentimento cuja palavra tem 4 letras. Mas e aí?
Se não tentarmos, nunca vamos descobrir.

TROCO ELOGIOS POR RESPEITO

é fácil me parabenizar e elogiar no dia 8 de março
é fácil dizer neste dia que sou maravilhosa,
guerreira e batalhadora
difícil é concordar que temos o mesmo direito salarial
difícil é reconhecer que nossa sociedade é machista e patriarcal
difícil é não culpar a vítima por conta da sua roupa
difícil é desconstruir a ideia que sou obrigada a te deixar me penetrar
sem vontade, só porque sou tua esposa
difícil também é não achar que só sua mãe tem que lavar a louça
portanto, no dia 8 de março e em todos os outros,
não faça coisas fáceis, faça coisas **DIFÍCEIS**
No lugar de elogios, prefiro ser respeitada.

CONSEQUÊNCIA

Tudo começou como uma brincadeira

Um tapinha aqui outro tapinha ali

E terminou com um tapa na cara

Ali foi a lástima, me tornei amarga.

MEU CABELO NÃO É RUIM!

Meu cabelo não é ruim.

Ruim é eu estar andando na rua

apontarem pra mim e falarem:

“Olha lá a preta do cabelo de pixaim, a negra que é

chamada de ruim!”

Ruim é escutar que meu cabelo é moda

Ele é resistência e liberdade,

o meu cabelo é foda!

Ruim é ser julgada e assediada por conta da minha blusa pequena,

do meu batom vermelho

e da minha saia colada!

Cansei de ser assediada!

De ser julgada, de receber piadas sem graça

de pessoas sem o mínimo de respeito, que não medem o que falam e

ficam espalhando o preconceito.

É triste ver que em pleno século XXI

há tanto desrespeito que temos

que viver desse jeito, lutando pelos nossos direitos,

caso contrário eles nos são negados

por conta desse machismo e desse racismo generalizados!

Cara, vocês não cansam de espalhar todo esse preconceito?

Isso é ridículo!

Vocês não vão se tornar melhores por conta disso,

isso só vai fazer de vocês seres humanos lixo!

Então parem de espalhar todo esse preconceito,

espalhem somente o amor e o respeito!

A LIBERDADE DE SER

Entre os desafios de sua vida,
sem dúvidas, ser você vai ser o mais difícil

Algumas pessoas vão te julgar

Te maltratar

Te diminuir

Às vezes isso tudo vai doer

mas lembre-se:

nada vale mais do que a liberdade de ser

MARCOS VINICIUS

Sentimento Brasil



VOU PROCURAR

Vou procurar um amor
mas espero que ele venha cacheado,
cabelos enrolados, sorriso esbranquiçado,
alma leve e pele escura,
e que também esteja à procura,
quero um amor que vá além das novelas,
um amor com comédia,
um amor que não precise provar,
mas que sente com a alma e com a mente,
um amor que experimente,
um amor experiente,
um amor convincente,
e que me faça acreditar,
quero me libertar pra poder amar,
vou gritar pra poder falar,
do amor que toda nossa gente sente

GERAÇÃO

Essa geração que pensa ter razão
e pensa ter tudo, mas vive numa prisão
onde aprende que é limitada
e escuta ser bandida só porque anda descalça
escuta ser herói quem é todo empalitozado
quero falar só a verdade
queria um mundo em que me respeitassem
pela minha pele e pelo meu caráter
que parassem de julgar por cor ou condição
e tentassem encher colégio para esvaziar prisão

MINHA CARTA DE AMOR

Não aguento ficar tão longe de você e essa quarentena não passa. Estou contando o tempo pra te ver. Já estou cansado de te enviar indiretas. Já estou cansado desse fardo, de te ver assim dividida, tão adoecida. Estou à espera da cura e que essa cura nos una. Até escrevi uma carta que fala de amor. Voltei no tempo, no tempo do meu avô, voltei a me conectar com aquilo que me desconecta. Da janela de casa, comecei a observar a fumaça subindo o céu e o vazio imenso das ruas. Aprendi sobre política, mas isso é o que menos interessa. Aprendi, é... eu sei o que realmente me estressa. Mas com meu modo antiquado, eu escrevo isso no meu quarto e espero que chegue até você. Não leve isso como um desabafo, mas como um meio de se conscientizar, de ver os dois lados da situação antes de agir e falar. O legal de tudo é que você é minha inspiração pra escrever tudo aquilo que está no coração, de todo cidadão, que quer te ver crescer e prosperar.

CAPITALISMO

O capitalismo é que acaba comigo
me compra com compras que não posso pagar
me humilha, me irrita com dívidas que
luto, luto e não consigo quitar,
parcela minha vida em 12 suaves parcelas.
Não tenho dinheiro, mas tenho que economizar.
Não tenho casa, não tenho para onde correr,
só resta me matar pra sobreviver.
Ele me influencia a gastar,
logo eu que não tenho o que comer.
Tu é egoísta, destrói o meu mundo pra enriquecer.
Eu, menino novo, em minha casa,
olho da janela e não me vejo crescer.
Te vejo se expandir, e vejo o meu povo desaparecer.
Quanta desigualdade, onde isso vai parar?
É tu que enriquece poucos, e, de muitos, o pouco quer tirar.
Em ti não existe amor,
somente sementes podres, que, egoísta, insistes em plantar.
Olho para todo lado e vejo apenas vestígios –
cores, rostos, jeitos – de um povo
que viveu, bem aqui, nesse lugar.

FUNDO DO POÇO

Estou sozinho e em constante escuridão, me encontro no fundo do poço. Parei de escutar o meu coração, me perdi por não ter ninguém aqui para me dar a mão, me vejo sozinho em meio à multidão. É tão engraçado, ter essa sensação de estar feliz e não ter com quem compartilhar!? Humanos parecem não entender que precisamos um do outro para viver, e insistem em não dar atenção, ao que dizem ser tolice do coração. Eu cansei dessa situação, vou fazer uma revolução, vou sumir. Talvez eu apareça com cortes mais não se preocupem com isso não, a maior ferida está no meu coração. Minha maior preocupação é com a sociedade e com quem ainda acredita nessa cultura que produz DEPRESSÃO. DEPRESSÃO não é FRESCURA.

MATHEUS ANDRADE

*“Até quando vamos
perguntar até quando?”*



JUSTIÇA

Quando criança me impuseram que eu deveria seguir na área da JUSTIÇA
Mas isso não era o que eu queria
Cresci, percebi e aprendi o significado daquilo
Era para um dia eu não ser mais um injustiçado na vida
Acesso à educação de qualidade, de verdade, eu não tinha
O estado em que se encontra o país no momento é de espanto e depreciação
Não quero ser o próximo a ter um trágico fim
Simplesmente por ser Negro
Eu não sou culpado!
Eu não sou culpado!
Eu não sou culpado!
Não posso seguir naquilo que foi imposto para mim
Peço desculpas, mãe, mas não vou poder realizar o seu sonho...
Vou fazer JUSTIÇA de outros jeitos
Seguindo adiante, lutando pelos nossos direitos
Me fazendo Negro pelo meu feito
Escolhendo o certo e o errado
Andando o caminho conforme meus preceitos
Até que possamos nos sentir seguros e sem medo
Eu não sou culpado!
Eu não sou culpado!
Eu não sou culpado!
Nosso grande erro foi acreditar na falsa liberdade que acomodaram em nossas cabeças
Ouvir que somos TODOS IGUAIS enquanto morreremos metralhados com tiros no peito
O sangue derramado gerando um mar vermelho correndo pelas ruas, favelas e morros
Favela essa que DENUNCIA e ainda é uma verdadeira SENZALA
Na minha difícil trajetória de vida carrego uma velha música
“Mas eu só quero é ser feliz

Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é
E poder me orgulhar
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar"¹
Apenas queria que fosse essa a nossa realidade
Mas ainda me deparo com o mesmo descaso
Pedimos TODOS os dias por IGUALDADE e RESPEITO
Mas o que eu, meu pai, meu avô e toda a minha nação
Recebemos nesse país sem noção?
Eu não sou culpado!
Eu não sou culpado!
Eu não sou culpado!

¹ Fragmento da canção Rap da Felicidade, composta por Doca e Cidinho em 1994.

LUTO

Luto contra um país genocida
Luto por todxs que tiveram suas trajetórias rompidas
Luto contra os disparos efetuados pela polícia
contra os disparos de ódio à queima roupa deferidos
virou moda assassinar e violentar no Brasil
país das maravilhas que escondem a crueldade
as marcas de dor e sofrimento
todo sangue derramado
o falso fim da escravidão
as precariedades que ficaram e parecem não ter um fim
ainda vivermos com correntes presas no corpo
massacrados, maltratados, ultrajados e expostos
E quando os gringos aqui chegam não veem o verdadeiro cenário
O desespero, o engasgo e o sofrimento engendrados
Passamos sufocos diários
E tentamos mudar a situação
Em cada nova eleição, buscamos eleger alguém
que nos dê a mão e nos ajude
mas elegemos, de novo, outro sem noção
alguém que nos promete, na terra, a salvação
Presos nesse ciclo, chamamos de mito a qualquer um
Quando na verdade essa é uma lenda conhecida
É a lenda de Dom Sebastião
O rei desejado, o touro negro encantado
que enquanto esperado
visando tal esperança
impedirá de ver nossa favela menosprezada
Um país inteiro de gente injustiçada
Com gosto amargo de lembrança
um país de injustiças e enganos
Por isso, Luto!

SOMOS O ALVO

Em memória de João Pedro, adolescente negro,
assassinado em operação policial no Complexo do Salgueiro,
em São Gonçalo, no Rio, no dia 18 de maio, durante isolamento social
imposto pela pandemia do COVID-19.

Um de nós é morto a cada 23 minutos
No Brasil, quem foi posto para 'servir e proteger'
pode, também, 'violentar e desumanizar'
foi uma bala perdida certa disparada com um intuito claro
mas não precisamos reprisar
É mais um corpo preto no chão
outro corpo preto no chão
mais um corpo preto no chão
Até quando isso
Até quando vamos sentir medo de sermos mortos
"Até quando vamos perguntar até quando?"
De fato, somos. Somos o alvo.
Somos o alvo da violência sistêmica perpetrada pelo Estado,
das injustiças do dia a dia
Somos apenas o alvo.
Não tem lugar adequado, temos que ter cuidado
pode ser na escola, dentro de casa ou na porta da rua.
Somos o alvo
da desigualdade que anda à solta
da escravidão que apenas ganhou uma roupagem nova
do genocídio que nos ronda a toda hora
da necropolítica que nos assombra diante das dificuldades da vida cotidiana
do racismo estrutural que nunca sai de moda
Até quando isso?
Até quando vamos sentir medo de sermos mortos?
"Até quando vamos perguntar até quando?"
Somos o alvo.

CHEGA

A cada minuto que se passa
mais uma triste 'casualidade' acontece
Morreu mais um por conta de bala
Que nos sufoca e entristece
São tragédias diárias de pessoas inocentes
Que pagam pelo racismo que nos deixa desiguais
Não posso andar seguro nas ruas
Pois na visão deles eu não estou com as mãos nuas
A minha, a sua, a nossa pele negra ficou marcada
É desse jeito a realidade e não podemos dar mancada
Os tiros ecoam em meu ouvido, o medo vive em meu destino
E vai aumentando, crescendo como um câncer,
virando metástase, invadindo nossas cidades,
nossas comunidades, nossas casas, nossas favelas
E foi mais um, dois, três...
E eu te pergunto mais uma vez:
Até que ponto chegamos?
75% dos homicídios são de negros, estimamos,
quero ser livre e não viver atormentado
Em um país que é totalmente desorientado,
É recompensador falar, gritar por nossa liberdade:

MARIELLE VIVE

LUCAS, INCLUSIVE

OS OINTENTA TIROS QUE NÃO SE REPITA

O POVO PRETO RESISTE.

DEVIR NEGRO

Ser negro ou branco define as nossas vidas
Querem nos fazer acreditar que
nascer negro é embarcar em uma vida sofrida
É viver perseguido pelo ódio
Vulnerável e sem direitos básicos
É viver constantemente interrogado,
suspeito, violentado e discriminado
Essas palavras marcam o nosso legado
Nos resta erguer as nossas vozes
Contra os rastros, vestígios e os efeitos de um processo histórico que nos deixou

“Uma história de vozes torturadas, línguas rompidas, idiomas impostos, discursos impedidos e dos muitos lugares que não podíamos entrar, tampouco permanecer para falar com nossas vozes”.¹

Impuseram referências opostas
Vivíamos na eterna tentativa de nos adequar
Será que há alguma forma de mudar isso?
Quando tentarem nos calar ou diminuir
lutar contra, resistir, devir NEGRO,
descobrir belezas, (Re)Existir.

¹ Grada Kilomba (2018, p. 27), em Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano.

ROQUISSANE OLIVEIRA

Respingos da Consciência



MUNDO REVERSO: CENTRO E PERIFERIA

Centro

07:30 a.m.

Ele mora no centro da cidade.

Acorda. Toma café, mesa vasta.

Pede pro pai levar na “facul”, reclama do trânsito.

Chegando lá recebe bronca, está atrasado. Motivo?

“Ah, tempo puxado.”

Entra na sala.

Acabou a aula, liga pra mãe e volta pra casa.

Periferia

05:30 a.m.

Ela mora numa periferia do outro lado da cidade.

Acorda, vai em jejum pra “facul”. Motivo?

1 não tem dinheiro

2 tem que pegar o primeiro busão

O primeiro de três.

E mesmo assim chega atrasada. Logo é interrogada e questionada.

Responde: “o ônibus quebrou”

Sente aquele olhar de desdém,

que não é o primeiro e nem vai ser o último do dia.

Entrar na sala? Só depois da primeira aula. Não podia atrapalhar,

mas o filhinho de papai entrou e isso não se podia negar.

Saindo da faculdade, descansar?

Que nada, vamos trabalhar que esse dia há de terminar!

E essa história não acaba aqui,

pois tem vários mundos existindo por aí.

Enquanto direito básico for privilégio, nessa sociedade,

a história da desigualdade irá se repetir.

DIFERENÇA

'Substantivo feminino que significa falta de igualdade,
desequilíbrio, condição do que não é igual'.
Não parece, mas essa palavra pode separar amizades,
famílias e até mesmo sociedades inteiras.
Será que ela realmente importa?
Fico me perguntando o que faz alguém pensar
que a vida deve ser igual para todas as pessoas.
Sentimos os mesmos belos e estranhos sentimentos.
Sentimentos que nos inebriam, transcendem,
nos apavoram, nos aquecem, nos entristecem, nos corroem.
Mas nós não somos iguais. Nós não vivemos igual.
Não sei porque enxergam isso como obstáculo.
Cores de diferentes tonalidades, paisagens em diferentes biomas,
e as diversas línguas são dádivas da evolução.
Poderíamos muito bem viver em paz e em constante harmonia,
mas ela – a falta de empatia – aparece, ressurgue,
nos assombra, nos persegue todo dia.
Matando, dizimando, separando as pessoas.
Como um ácido corrosivo, quando não compreendido,
o desrespeito a quem é diferente é um veneno letal.
Ele corrói, dissolve lentamente os tecidos,
e se não for combatido, deixa, na alma, uma ferida mortal.

MELANCOLIA NOTURNA

Às vezes me deito, às vezes eu durmo, às vezes acordo.
E, acordada, parece que estou em um transe.
Preso em meus pensamentos, fico remoendo o passado,
cutucando o presente e inventando o futuro.
Sozinha, converso comigo mesma,
uma conversa estranha, desagradável.
É... sou minha pior companhia.
Olho no espelho e me pergunto se o que vejo é
o reflexo da minha alma ou apenas
o magro e triste reflexo do meu corpo.
Revejo fotos do passado e penso,
desde quando essa melancolia está aqui,
agarrada em mim, presa em minhas estranhas?
Só quero que vá embora.
Ela simplesmente se hospeda, sem dar satisfações.
É aquela visita folgada que na melhor
das oportunidades você manda embora,
mas ela não vai, nunca te deixa em paz.
Às vezes me deito, às vezes eu durmo, às vezes acordo.
E tudo se repete novamente.

O GAROTO DO CASACO PRETO: UMA PAIXÃO PLATÔNICA.

É muito estranho gostar de uma pessoa
que você nunca conversou,
mais estranho ainda é sentir falta dela,
sorrir daquele jeito bobo e pensar coisas mirabolantes.
Faz alguns longos meses que não o vejo,
parecem anos, às vezes séculos e milênios,
o tempo varia com a intensidade dos meus sentimentos.
Não sei porque gosto dele,
também não sei há quanto tempo gosto,
só sei que as emoções continuam as mesmas.
Eu nunca fui fã dos mocinhos dos filmes,
torcia para os vilões, gostava do caos.
Hoje, tento ir para bem longe dele,
mas tenho um péssimo senso de direção e...
acho que estou perdida, procuro o caminho de volta
à sanidade, mas, nunca o encontro,
continuo a procurar até esquecer o que estava procurando,
e, com isso, fico presa em meus pensamentos,
me perguntando quando o verei de novo.
Nunca esquecerei daquele que me fez chorar no 12 de junho.
Nunca me esquecerei de você,

GAROTO DO CASACO PRETO.

A VISTA

Vejo uma paisagem que poderia muito bem ter sido desenhada por um grande pintor. Essa vista, que me inebria, tem um céu azul, com um reluzente ponto amarelo, canoas indo e vindo na água da maré. Do outro lado do rio, vejo o mangue com partes de suas raízes para fora da lama negra. Barcos a motor abafam o som do balanço das plantas, mas, quando vão embora, a música logo volta a tocar orquestradamente: os pássaros com seus variados cantos, as folhas e os galhos das árvores se balançando com o movimento do vento completam o espetáculo. Fecho os olhos e vejo a mesma paisagem, acho que ficou fixada em minhas memórias. Espero nunca as perder, pois, me trazem boas emoções, fazendo meu corpo vibrar e descansar ao mesmo tempo, numa intensa e calma dança.

RUAN PEREIRA

Poesia sem Fim



FADIGA HABITUAL

Mais um dia chegou,
acordei sem ânimo,
abraçado com o mau humor.

Meus problemas ainda me perseguem,
me prendem
e tudo que eu queria nesse momento era sumir.

Já não sinto mais vontade
de viver,
me sinto incapaz de continuar,
ainda não sei porque tenho que existir
já se foram os meus amigos,
já se foram os meus bons momentos,
já se foi a felicidade,
já se foi a vontade de prosseguir,
já se foram os que eu mais amava
e só me restou essa mágoa
e essa danada da solidão que me sufoca,
que me atira no peito
sem errar a direção.

Meus problemas já viraram parte de mim,
eles me seguem como a minha sombra,
e eles me assombram.
Parece um pesadelo
que mesmo acordado
não consigo evitar.
Já não sei o que será de mim.

Não vejo a hora de chegar à noite
para tentar dormir.
Esse é o meu refúgio passageiro,
posso esquecer um pouco dos meus problemas
e tentar repor as minhas energias,
se é que vou conseguir.

Eu só queria sonhar, viver, rir,
superar o que estou sentindo,
enfim...
quero me aliviar.

Muito tempo se passa,
meus problemas só aumentam
e o sofrimento me abraça,
realmente não tenho para onde fugir.

Foi tanta pancada que levei
que, finalmente, aprendi.
A dificuldade vem para aumentar o nosso conhecimento,
para enxergarmos o quão somos fortes
e que nada acontece em vão.

Quanto mais eu pensava
que fugir dos problemas
seria a melhor solução,
mais eu os agravava
tornando-os mais complexos.
Eu os alimentava.

Eu não conseguia enxergar o caminho certo
e, finalmente, depois de muita luta,
eu venci,
e já aprendi que o primeiro caminho certo
é o errado.
No começo sempre vai ser complicado,
aliás, nada na vida é fácil.

SEJA VOCÊ

Seja o teu rosto,
Seja o teu sorriso,
Seja os teus pés
E faça o que é preciso.

Seja a tua pele,
Seja o teu olhar,
Seja a tua boca
E não tente mudar.

Seja o teu peso,
Seja a tua idade,
Seja o teu cabelo
E não mude sua identidade.

Os nossos defeitos
são naturalidade.
Não se modifique,
seja quem você é de verdade.

LIBERDADE

Liberdade é um direito de todo cidadão.

Liberdade é bater no peito,
mostrar que tem respeito
com sua possibilidade de expressão.
Liberdade é ir além da própria vontade,
é deixar fluir.

Liberdade está na dança,
está nos seus movimentos,
está no canto,
na escrita,
na batida da canção;
está no prazer,
no falar,
no viver
e na sua emancipação.

Liberdade é você,
liberdade é bater os pés no chão,
levantar a poeira
e abrir um sorriso;
é deixar o astral subir,
energia com muita positividade vir
e a tristeza ir.

É mostrar o seu cabelo,
mostrar o seu tempero,
é se admitir;
é usar o que lhe faz bem,
é sentir-se bem.

Liberdade é mostrar o seu gingado,
deixar o sofrimento no passado,
ir além do que está no seu reinado,
é ser feliz o quanto você puder,
é ser feliz ao seu máximo.

É misturar as cores,
viver sua cultura,
é sentir a sua fé,
nunca deixar de ser quem você é.

OPINIÃO

Opinião são as suas palavras
diante de uma realidade conclusão.
Opinião é sua fala
diante de um assunto social
é apenas sua visão.
Opiniões precisam ser escutadas,
sejam elas diferentes ou não,
opiniões precisam e devem ser faladas,
até porque cada um tem seu direito como cidadão.
Tem que opinar,
não pode se calar diante de uma multidão.
Opinião é o seu direito de expressão,
é uma necessidade
e é a sua parte de colaboração.
Em comunidade, é preciso ouvir e falar,
senão nada vai pra frente
ou quem sabe, nunca mudará.
Quando for opinar, tem que sempre manter o equilíbrio,
ver e rever o que vai dizer, nem tudo devemos dar início.
Às vezes a opinião precisa ser mantida apenas pra você
para não gerar conflitos. Tem opiniões que podem magoar,
podem ameaçar a integridade de um indivíduo.
Precisamos ter a certeza do que iremos expressar,
e ter cautela para a opinião não ser um risco.
Quando opinar, fale por você,
fale a sua parte sem invadir qualquer privacidade,
isso também faz parte.
Opiniões são diferentes falas
às questões sociais
e nelas, todas as participações
são essenciais.

Espero que você não se cale,
sua opinião é importante demais.
Opinião impõe questões
que precisam ser debatidas
sem que haja confusões.
Se não houver a opinião
não tem lei padrão e nem uma conclusão precisa.
Opinião é importante
e todos devem tomar essa iniciativa.
Opinião é expressar-se,
escolher,
palpitar...
Mas deve respeitar o próximo,
Você tem que analisar o que vai falar.
É saber o momento certo de se manifestar.
É saber que alguns não vão se satisfazer,
mas ter a certeza que se o teu dizer a ninguém ofender,
você não é obrigado a calar nem mesmo a corresponder.

SONHAR

Sonhar é bom,
ninguém pode impedir
e nem te atrapalhar.
Sonhar é de graça
e você pode ousar.

Mas e realizar?

Pois é...
Poucas pessoas irão te apoiar,
mas só você pode se rebelar.
Mostre que você consegue,
é só se aventurar.

TALYSON RAONY

*O tema aqui é racismo,
mas não vou ficar só nisso*



RESPEITO

Venho por meio deste falar de duas religiões
O preconceito contra elas é demais, mas com jeitinho se desfaz
A gente chega num consenso, e assim não fica excesso nem tantas 'opiniões'.
Não vim subjugar nenhuma, muito menos profanar
O meu trabalho aqui é dar visão,
porque a sua mente pode estar na ilusão.
"Na 'macumba'", epa, vamos parando por aí!
Porque, antes de tudo, essa religião não se chama assim.
Só pra você saber, macumba é um instrumento musical
e não um xingamento, uma ofensa que impõe o mal.
Pra melhorar ainda mais o seu conhecimento
e deixar pra trás esse constrangimento
na verdade, são duas religiões:
a umbanda e o candomblé
filhas da África, importantes como outra qualquer.
Só para você ficar sabendo e deixar de ser mané!
Muitos sabem a diferença, mas para aqueles que ainda estão na confusão
A umbanda foi feita aqui no Brasil, com influência do nosso torrão.
Catolicismo, espiritismo, saberes indígenas ancestrais,
todos reunidos numa grande junção,
sem inimigos, sem rivais.
O candomblé veio no coração daqueles que não tiveram opção,
que da África foram arrancados, trazidos para a exploração.
Espero que fique bem marcado, na mente, na abstração
dessa mocidade, que mesmo sem representatividade,
luta por igualdade, por justiça e liberdade,
por um caminho de equidade, aqui nessa nação.

CORDEL DA MILITÂNCIA

Quebre padrões sociais
não venha com piedade!
essa luta é mais antiga
que a soma da nossa idade!

Preciso de pouca rima,
pra mostrar essa opressão
que todo jovem aqui sofre,
principalmente humilhação.

Quando se é homoafetivo,
vem gente te questionar
“E você descobriu quando?”
Questão feita pra infernizar.

O povo não tem assunto
que se possa conversar,
o preconceito vence
e começa a se instalar.

Uma cabeça já doente,
não tem jeito d’aquietar.
Enquanto falo por aqui,
jovens anseiam se matar.

Agora é chance perfeita
para pedir mais inclusão,
aumentar a igualdade
e acabar com a distinção.

Mas eu não vou fazer isso,
porque isso você sabe.

A minha ideia aqui
é mostrar só a verdade,

E assim dessa maneira,
através da brincadeira,
da piada, das besteiras,
acabar com tua asneira.

Por que vou te confrontar,
quando posso te mostrar
na ciência e com números
a realidade de assombrar?

O número agora cresce,
a taxa de morte subiu,
o preconceito aparece,
e a violência emergiu!

Igualmente preocupante
são os crimes de estupro.
Nos posts do Instagram,
tem idiotas que não nutro.

Abordei muitos temas,
Falei muito de opressão,
quero acabar com tudo,
destruir nossa ilusão.

Que a sonhada igualdade
deixe de ser um poema,
que agora ele floresça
que se viva como lema.

QUERO PEDIR UM FAVOR

Sabe o que se vê todo dia? Violência

Sabe o que é violência? As mulheres sendo mortas na rua

Violência? Você chamar o cabelo dela de ruim, falar que ele é pixaim

Violento? Um homem chegar e fazer o que quiser, sem medo ou clemência

Violência? Dizer que a roupa dela é culpada,

e que se não fosse pelo batom vermelho não tinha acontecido **NADA**

Por isso, hoje, as mulheres precisam ser feministas

Mas espero que algum dia isso não seja mais necessário

E que finalmente alcancem o devido poder

E espero, com as mãos para cima,

que, finalmente, se interrompa essa grande chacina.

Quero pedir um favor a todas as mulheres presentes:

Gostaria de falar em nome de vocês e de todas as adolescentes!

Faço isso porque sou homem e não sei o que muitas vivem,

Mas sei a batalha a qual todas aqui sobrevivem.

Esse texto foi criado para toda feminista,

Que vive numa guerra, mas nunca desanima.

Muitas aqui já escutaram que é tudo mimimi,

É porque eles nem sabem quem é Luiza Mahin.

Que esse texto chegue nas mulheres, nessa vivência.

Pra que vocês sintam que há homens que se opõem à violência.

O TEMA AQUI É RACISMO, MAS NÃO VOU FICAR SÓ NISSO

O tema aqui é racismo, mas não vou ficar só nisso
Muitos vão dizer que é vitimismo,
mas não fazem nada para mudar o que eu vivo.
Sim, cansado de escutar a mesma frase?
Então muda o cenário para que a gente não se atrase.
Atrasado no quê, você vem me perguntar
Então vou bem direto, só para poder te afrontar
Falarei de cota, porque é o assunto que mais é tratado com chacota.
Se você acha desnecessário, bato palmas para você, mesmo não sendo seu aniversário
Não por você estar certo, mas porque a sua ignorância está a céu aberto
Antes das ofensas, faço uma referência
que muitos esquecem e, assim, o preconceito favorecem
Quando a lei áurea foi assinada, educação e saúde
Para a população negra foram negadas
Sabe porque afirmo isso?
Porque a taxa de presos negros, eu confirmo.
71,6% dos que estão lá são negros e
você vem me falar que eles são baderneiros
Então porque antes de certeza e opinião
não ofereceram meios e caminhos para a educação?
Já que fomos estruturalmente abandonados,
não há muitos caminhos de sobrevivência disponibilizados.
Mas voltando a conversa inicial, agora você sabe o motivo do extermínio social!?
O fato de você já ver negros ocupando a mesma sala,
é onde eu vejo alegria, onde a minha fé se instala.
A batalha desde os tempos da senzala, ainda vai ser recompensada.
Vamos fazer apenas uma comparação:

Quem tem mais chance de estudar em universidade?
Um negro em vulnerabilidade ou um branco herdeiro da colonialidade,
filho de pai no alto da carreira, com curso pago e dinheiro na carteira?
Preciso te falar? Acho que não, então pense aí nessa situação!
Só mais um comentário para não sair mal falado,
porque eles não aguentam um preto que fala, reclamam em voz alta,
Saem logo dizendo, "Preto, fica calado!"
O racismo é grande e se percebe, mas insistimos em estudar
porque assim podemos buscar nossos direitos, exigindo que se acabe o
desrespeito.
Por isso eu digo: Marielle, presente! Lucas, presente! Ágatha, presente!
E os oitenta tiros, exigimos, deixem de ser frequentes!
luta por igualdade, por justiça e liberdade,
por um caminho de equidade, aqui nessa nação.

NÃO IMPORTA A COR

Sou negro, preto, intenso.

Mas o que isso tem a ver de fato?

Passado, presente e futuro.

Mesmo com histórico obscuro,

na história, eu te pergunto:

Quantos negros você já ouviu como assunto?

Na escola, Zumbi só é lembrado no dia 20 de novembro.

Consciência Negra, nem sei se me lembro.

Jovens à mercê da hipocrisia,

pois reproduzem em tudo essa burguesia!

Presente! Consciência histórica morta.

Falam muito da religião, por causa do sacrifício animal,

mas me fala o que você come

não seria seu prato, também, uma arma letal?

Até parece que você vai passar fome!

Não é só isso, olhe ao seu redor percebe a quantidade?

Olha quantos negros, indígenas, brancos, que diversidade!

Esqueci, pra vocês nós nem devemos ser lembrados

Mas não falo só do racismo ou da religião

Mesmo eu colocando minha opinião

Preconceito também entra, lá vem aquela história de novo:

“Alá, mais um preto, além de preto é viado,

esse mundo tá caótico.”

Ah, mas lembram dos assassinatos?

Racismo, preconceito religioso, LGBTfobia, até onde mais?

Daqui a pouco vão dizer que negros não andam na rua, pra não ser confundidos com animais

Engraçado!? O que foi falado!?

Queria eu não ser chamado de marginal, e ficar simplesmente igualado!

Mas não é só isso, consigo falar muitas coisas em uma poesia

Vamos falar da mulher negra, que já não basta sofrer pra ter um filho,
vem o médico e coloca pouca anestesia?

Ou você não sabia disso? Ops, segredo de muitos

Mas que faz muitas mulheres sofrerem de modo gratuito

“Já chega” você deve pensar, só falei o que não querem ouvir

Mas com essa realidade que está aí, temos muito mais violência por vir

Tem gente que chama autoritário de mito

loucos de mente doente

Que defendem milico maldito

E mal sabem que são prepotentes

Mas eu já acabei. Não precisa se levantar.

Tudo que falei aqui não foi pra te espantar

Só mostrei a realidade, o passado, presente

de um povo imaturo, ainda dormente.

THAYNÁ MELO

Confusão



ACEITAR-SE

Aceitar-se é um caminho árduo. Posso ter me criticado várias vezes, mas faz parte, não é fácil aceitar que você não pertence aos “padrões”. Sua autoestima despenca ao ouvir, ver e não se sentir representada. Não é fácil se sentir bem quando falam mal do seu corpo, do seu cabelo, da sua imagem – parece que todo o resto some. Não vale de nada você ser uma boa pessoa, inteligente e sensata, se você não for magra alta e de pele clara. Já me senti em um jogo onde não fui sorteada. Mas hoje não. Hoje, estamos fazendo a revolução. Vamos aparecer mais na televisão; gorda, magra, baixa, alta, preta, loira, ruiva, acinzentada, vamos mostrar pra essa garotada o quanto somos diversificadas, desmistificando a ideia de padrão. A “perfeição comprada” é uma grande ilusão.

DIA

Acorda, levanta, se veste para escola ou trabalho nem lembra
que respira, precisou de uma pandemia pra lembrar que nossa
maior regalia é respirar, vai com calma, não se apressa, olha
pela janela o quão belo é o olhar.

ESTADO DE EXCEÇÃO

E hoje foi mais um, mais um corpo preto perfurado e sangrando no chão. Mas por qual motivo? E quem o atingiu? O motivo foi o pré-conceito, foi o genocídio. O jovem só estava tentando pegar seu sustento. Pobre jovem preto periférico, e quem matou foi o Estado com suas operações sangrentas. Na periferia todos são condenados. Segundo o Estado, lá não existe nenhum inocente. Basta ser preto pra ser culpado.

NÃO É NÃO

O meu direito começa quando termina o seu.

Não encoste, não sarre, não aperte!

Não é porque você não se controla
que eu tenho que aceitar os seus abusos.

Não é não, vê se entende e respeita!

Não vem pagar de machão,
pois pro seu machismo eu grito **NÃO!**

UM AMOR

Eu quero um amor,
um amor que me faça sonhar,
um amor que me dê tesão,
me faça arrepiar,
quero esse amor tão único,
tão profundo que só eu posso me dar.

YURI DAMASCENO

A verdade e seus reflexos



A PERGUNTA ESQUECIDA

Para onde devemos ir quando
acordamos de um sonho?
Naquele lugar onde ninguém existe,
fomos feridos pelo bem de alguém

Sinto falta desse momento nostálgico
Não há problema em vê-lo através das lágrimas
refletidas em olhos imaginários
Se você está sonhando então não acorde
era o que eu dizia para mim mesmo

Agora eu peregrino sozinho através da escuridão
Formemos a cena do pecado
Cantando e dançando ao escurecer
Pintando num profundo tom de preto
Como se estivéssemos virando cinzas

Pela minha insistência no amanhã
Esqueço as coisas e as arrasto até o fim
Ouço o som da porta se abrindo
Em que cor será refletido o mundo
Que eu vi nascer
Este paradoxo teve sua cor alvejada
Abraçando a sólida verdade
Vou em direção a um contraste invertido

O FRUTO UMA VEZ VISTO

Nós veneramos uma lua que roubou sua luz do sol
Eu quero continuar a observar o semblante
De um futuro uma vez dito
Mesmo incapaz de ser segurado por essas mãos

Há um fruto doce misturado com o irreal
A melodia de uma rua sem fim e o
Som da chuva chegando ao inferno
Enquanto caminhamos

Mesmo que não possamos ver
Há olhos abertos que quebram através da porta
Há a faca que dança com fome
Eu quero proteger os fragmentos
Dos sorrisos deixados por você

EU ESCONDI AQUELE NOME E APARECI POR AQUI

Rejeitado pelo céu,
dividido no ponto de não retorno
Eu continuo me perguntando,
agora que estou prestes a desaparecer
Sobre a luz dentro do tempo em branco
Eu penso enquanto existem tantas
sombras negras quanto memórias de mim
Minha mente dorme entre uma confusão de inveja e raiva
Liberando uma doce fragrância,
estão as armadilhas das minhas memórias
Mesmo que os machucados daquela noite que se infiltraram
Na minha alma, não possam ser curados
Não me deixe ver suas lágrimas
Cobertos pela escuridão lubrificamos
nossas lâminas com sangue e lágrimas
E os gritos estridentes são a música de comemoração
Enquanto perseguimos a falsa luz
A luz para aqueles que estão perdidos é transformar
Esse mundo num sol incandescente em que
Deus possa ser adorado
A luz desliza pelas lacunas entre meus dedos
Sustento-me mesmo nas feridas infligidas em mim
Rasgando o silêncio em pedaços
Uma sombra cai sobre o sol poente
Se me fosse permitido cumprimentar o amanhã
Talvez eu tivesse sido salvo
Enxergue além do possível
Olhar alternativo, se me esperar
Daquilo que pode se concretizar
Somente delírio de quem almeja
O ponto central das correntes é a espiral da loucura
Uma passagem de cadáveres caídos banhada de aspirações?

A IMAGEM ESPELHADA

Há uma promessa que reside em meu peito
As sombras estão em meus dias
Todos os dias nos acostumamos a andar com ela
Por causa de nossa feiura, nem reconhecemos a dor

Mesmo vestindo a máscara sorridente
Surge o grito mais inocente
A escuridão profunda existe, à meia-noite
Se eu mergulhar nela posso te encontrar?

A chave permanece com você
Canário que perdeu a vontade de cantar
Na gaiola escura
Como corvos chorando em um céu perturbado
Cantamos, a realidade ao amador impensado

Eu roubei meus laços com você e
Continuei correndo com a dor
Vestido de preto, sacudindo tudo em dúvidas
Escrevo minhas esperanças em sangue

Enquanto houver a encruzilhada tortuosa
Atravessarei a estrada espinhosa
contanto que eu possa ouvir o som daqueles dias

A DISCÓRDIA ESTÉTICA DO AMO

A criança acorrentada aos sonhos de adolescente
Parou de respirar inexpressiva
Em lugares onde sua voz não alcança,
Regras distorcidas que ninguém ensinou são ditas
Eu esperava enquanto era jovem
A jornada para encontrar o caminho dos sonhos

Gritando sua voz para mostrar sua dor
Mesmo que o som não seja ouvido por ninguém
Também vou escondê-lo no meu coração e apreciá-lo
A areia da ampulheta regride, as lembranças surgem novamente
Eu te conheci aqui chorando

Eu quero esmagar essa tranquilidade todos os dias
Mas no momento do tremor emocional
Eu não sei por que a dor veio
Até a respiração se tornou difícil
É difícil resistir à vertigem do anoitecer

O barulho se esconde
Encharcado pelo mel das flores vermelhas
Ela se fixa em meu peito
Você deseja renascer, não deseja?
Um paradigma que estava dormindo para sempre
Estava devorando meu coração, me corroendo

Eu não posso alcançar nada com estas mãos
Em vez de viver como se estivesse esperando a esperança
Cobri meus ouvidos para o bater do meu coração
Seria você me chamando? Ou outro alguém?

Fechei meus olhos deste canto do meu coração
Com as massas monocromáticas
A criança que cantou eu te amo
Bêbado no balanço
De repente desapareceu
Nesse momento, eu nem consigo te alcançar

Mesmo que os dias que construí se dispersem implacavelmente
Mesmo que meus sentimentos se tornem uma maldição
Não consigo ver mais nada além de você
Algum dia como bolhas de sabão eu e você
Desapareceremos lindamente
Pelo menos me escute até esse dia

ORGANIZADORES:

Tiago Barbosa da Silva

É pós-doutorando em Estudos Literários, no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, Doutor em Letras, com ênfase em Teoria da Literatura, pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (2018) e Mestre em Desenvolvimento Regional pelo Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional da Universidade Estadual da Paraíba (2012). Possui Licenciatura Plena em Letras – Língua Inglesa pela Universidade Federal de Campina Grande (2008) e graduação em Direito (2009) pela Universidade Estadual da Paraíba. Atualmente, tem se dedicado ao trabalho como professor de língua inglesa no Instituto Federal de Sergipe (IFS), Campus Estância. É pesquisador do grupo de Estudos sobre Representações, Alteridades e Subjetividades – ERAS, do Grupo de Pesquisa em Estudos de Texto, Leitura e Linguagem – GETELL, e do Grupo de Estudos de Literatura e Crítica Contemporâneas – GELCCO. E-mail: tiagob_s@yahoo.com.br.

PRINCIPAIS PUBLICAÇÕES:

Livros:

(Autor)

SILVA, T.B. O NÃO-LUGAR EM ELIZABETH BISHOP. Aracaju: EDIFS, 2019.

(Organizador e autor de capítulo)

SANTOS, J. O.; TEOTÔNIO, R.; SILVA, T. B. (Orgs.). O LUGAR DO OUTRO: Representações da Alteridade na Literatura. Aracaju: EDIFS, 2021.

SALES, J. R.; ARAUJO, R. P.; MENDES, R. A. S.; SILVA, T.B. (Orgs.). REVOLUÇÃO CUBANA: Ecos, Dilemas e Embates na América Latina. Aracaju: EDIFS, 2019.

Artigos em Periódicos:

SILVA, T. TRAUMA COLONIAL, CURA, REINVENÇÃO DA VIDA: Narrativas Afro-Americanas e Ameríndias na Literatura Estadunidense Contemporânea. Revista Fórum Identidades, v. 31, p. 47-59, 2020.

SILVA, T. B. WALTER, R. TO(O) QUEER THE NATION: A Renovação do Grand-récit de conquista do oeste em The Man Who Fell in Love with the Moon. Miscelânea.

Luzileide Silva

É mestre em comunicação, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Sergipe. Possui experiência na área de montagem de ficções e documentários. Atualmente, é técnica em audiovisual no Instituto Federal de Sergipe (IFS), Campus Estância. É curadora do Festival Audiovisual de Sergipe - SERCINE e da Mostra de cinema negro - Egbé, também é pesquisadora do documentário sergipana e da montagem. E-mail: pitangaazul@gmail.com.br.

PRINCIPAIS PUBLICAÇÕES:

Livros:

(Autor de capítulo)

SILVA, Luzileide. A MONTAGEM NOS DOCUMENTÁRIOS SERGIPANOS: (2005-2015). In BARROSO, Ivo Elianne; SZAFIR, Milena (Orgs.). MONTAGEM AUDIOVISUAL - reflexões e experiências. 1ª ed. - São Paulo: SOCINE, 2019. p. 136-152.

SILVA, Luzileide. HISTÓRIA DO CINEMA DOCUMENTÁRIO EM SERGIPE. In BOLANÕ, César Ricardo Siqueira; VARJÃO, Demétrio Rodrigues (Orgs.). MERCADO BRASILEIRO DE TELEVISÃO EM PERSPECTIVA REGIONAL: o caso de Sergipe. OBSCOM, 2017. p. 87- 108.

A mim, foi feito o convite de escrever a quarta capa deste livro. Esta incumbência me possibilitou mergulhar na essência do (Re)Existir.

Mais do que um Coletivo, o (Re)Existir anuncia a autenticidade da nossa juventude, que inspira reflexões sobre temas atuais e de interesse de toda a sociedade. Aqui, representadas por palavras que manifestam a mais singular expressão da arte – aquela que nos transforma.

Nesta coletânea, nossos jovens poetas dão vida, cor e voz à plural realidade, integram diversas e singulares histórias de vida, trazem à tona uma vastidão de sentimentos e experiências, celebram os múltiplos lugares de fala e de escuta. E, com muito foco e determinação, fazem valer a pena cada verso anunciado.

É neste misto que convidamos você, leitor, também para (re) existir nas (entre) linhas destes poemas reunidos. Está em suas mãos!

Sônia Albuquerque